

ANGELO TRENTO. IMPRESA ITALIANA NO BRASIL

Igor Cavalcante Doi¹

Recentemente, o historiador italiano Angelo Trento, importante historiador da imigração italiana, publicou o que talvez seja até agora o livro mais importante para o estudo histórico da imprensa italiana no Brasil. Foram consultados, segundo ele, mais de 800 periódicos em língua italiana publicados em território brasileiro, dos quais 289 foram consultados diretamente a partir de pelo menos um exemplar. Foi desse exercício de grande fôlego que surgiu, em 2013, *Imprensa italiana no Brasil: séculos XIX e XX*, uma brochura de 276 páginas editada pela Editora da UFSCar que vai tratar desse fenômeno que se manifestou de maneira mais consistente a partir de meados do século XIX e sofreu verdadeiro declínio após a Segunda Guerra Mundial.

A difícil trajetória da imprensa italiana é tratada no primeiro capítulo, onde o autor faz notar a limitação do profissionalismo jornalístico: na sua maioria, os proprietários e diretores dos jornais não eram mais que imigrantes com alguma instrução, que usavam as publicações como “primeiro encosto profissional”, geralmente na tentativa de fazer alavancar seus próprios negócios. Eles possuíam outras atividades profissionais e muitas vezes usavam o jornal para a autopromoção. Muitos jornais eram produzidos por uma única pessoa, que se encarregava de todas as tarefas, da reportagem à impressão, o que transformava quaisquer dificuldades pessoais em óbices para a publicação.

As dificuldades financeiras teriam sido outro empecoço para os jornais, que não raramente buscavam seu sustento em vendas, assinaturas e anúncios publicitários, sendo estes, usualmente, a fonte mais relevante. Havia diferentes padrões de anúncios, a depender das orientações ideológicas dos jornais e dos públicos aos quais se dirigiam, e havia ainda alguns que eram subvencionados pelo latifúndio ou patrocinados por imigrantes bem-sucedidos, sendo os primeiros, frequentemente, propagandistas das oportunidades de trabalho nas

¹ Mestre e doutorando pela Unicamp em Educação Física e Sociedade, com ênfase em História Cultural do esporte.

lavouras brasileiras.

Feitas as constatações gerais sobre os percalços da imprensa, Trento passa a explorar o conteúdo e as orientações dos jornais étnicos italianos, dentre os quais a imprensa burguesa aparece como sendo especialmente preocupada com a constituição e o fortalecimento da identidade italiana, uma consciência de comunidade, de pertencimento. Se lembrarmos que a constituição da nação italiana foi relativamente tardia e que a identidade nacional se espalhou mais facilmente, no início, entre as classes médias, fica evidente o principal motivo da preocupação do jornalismo burguês da comunidade italiana no Brasil: boa parte dos imigrados não se sentia, de fato, italiana, e pouco entendia de uma nação chamada Itália, de modo que qualquer coesão era dificultada por filiações mais regionalistas que nacionais. Com isso, o individualismo era condenado, a comunhão era requerida dos leitores e a pátria era exaltada em muitas publicações. E, embora a comunhão fosse posta à prova pela própria rivalidade entre os jornais e os indivíduos que eles representavam, a ideia de vínculo nacional foi sendo difundida e paulatinamente firmando o sentimento de uma *italianità*. As estratégias discursivas eram variadas, como a de celebrar datas históricas nacionais (principalmente relativas ao *Risorgimento*), a de idolatrar figuras célebres italianas ou a de insistir na vida associativa dos patrícios. Tudo isso levou, para Trento, à formação de um sentimento de italianidade no Brasil ainda mais precoce do que teria sido na própria Itália.

Discorrendo sobre os jornais do século XIX e início do século XX, Trento mostra que eles lidavam com questões relativas aos problemas da imigração, às autoridades consulares e às empresas de navegação, além do tema delicado do trabalho da lavoura. O mais comum foi que este último fosse apresentado, apesar do ultraje, como fruto de casos excepcionais: o discurso dominante era o de que o trabalho na lavoura era bom, não obstante os casos isolados de maus tratos.

De modo geral, as publicações eram bastante cautelosas ao tratar de assuntos brasileiros, embora houvesse periódicos que também encarnavam um papel crítico, abordando as deficiências da política do Brasil, as oligarquias latifundiárias e a falta de consciência nacional. Alguns jornais envolvidos com a política local defendiam a maior participação da colônia italiana na vida do país em que estava abrigada, inclusive sugerindo que os colonos tivesse seus próprios candidatos, para defender seus interesses imigrantes. Essa ideia era apoiada pela ala socialista, mas extremamente rechaçada por uma parcela de imigrantes que consideravam tal participação como “naturalização”, ou seja, um descompromisso

com a própria identidade nacional.

A aproximação da Primeira Guerra Mundial deu ainda mais força para o discurso nacionalista, a começar com a conquista da Líbia. Inicialmente favoráveis à neutralidade italiana na Guerra, um ideal intervencionista logo colocou a imprensa burguesa a favor da participação, gerando publicações referentes aos êxitos bélicos, às chamadas para alistamento e aos convites para contribuições financeiras, incluindo publicações de listas de contribuintes e apelos patrióticos aos que eram considerados apáticos, indiferentes à mãe-pátria.

Após o que nomeou imprensa burguesa, Trento vai lidar com o que ele chama de imprensa operária, dividindo-a em três frentes principais: a imprensa anarquista, a imprensa socialista e a sindicalista. As publicações operárias assumiam um trabalho não tanto de informação, mas sobretudo de formação - e sua militância e orientação didática muitas vezes faziam da imprensa operária um ato voluntarioso, principalmente entre os anarquistas, levando à publicação de números gratuitos. O envolvimento dos italianos com movimentos proletários é significativo, já que esses imigrantes tiveram papel preponderante no primeiro grande corpo de trabalhadores livres brasileiros. O problema da precariedade era compartilhado com as outras formas de imprensa: jornais produzidos por uma só pessoa e com falta de recursos.

Dentre as coisas em comum, os jornais operários se destacavam por seu anticlericalismo, sendo representativa a comoção em torno de uma denúncia de estupro num orfanato católico e a luta contra um clero imigrado visto como oportunista, golpista, vagabundo. A degeneração moral da sociedade burguesa também aparecia, com críticas ao futebol, ao carnaval e até a instituição matrimonial. Dentro do tema mulher, os periódicos operários também se esforçavam para denunciar maus-tratos, humilhações e assédios sexuais nas fábricas. Anarquistas homens costumavam escrever com pseudônimos femininos, mas, segundo Trento, as redações dos jornais socialistas eram compostas também por mulheres.

Outro assunto que teria sido tocado pelos jornais operários de várias orientações é o caso do trabalho na lavoura. Mais explorado pelos socialistas, o mundo quase impenetrável das fazendas só se fazia ver a partir de correspondentes locais e denunciava-se principalmente a violência sofrida nesses ambientes. O comum era que a esquerda não propusesse a distribuição de terras para melhorar a vida dos colonos, já que era aversa à ideia de propriedade privada. Mas as propostas de total subversão eram visivelmente ineficazes,

tendo-se em vista a realidade ímpar das lavouras, muito diferente da vida operária urbana, de maneira que mesmo os anarquistas, que costumavam encarar pequenas conquistas como desvios de uma grande luta proletária, “consentiam em apresentar um programa mínimo e reivindicações de caráter econômico imediato, todos objetivos desprezados no caso das agitações urbanas” (p.96).

O assunto da identidade nacional adquire um tom curioso nas publicações operárias. Pautados pela ideia de internacionalismo proletário, as divisões nacionais eram tidas como invenções burguesas e a própria guerra que advinha era vista como uma disputa entre nacionalismos burgueses em que o proletário sairia prejudicado em nome de causas que não eram a sua própria. Por outro lado, a publicação em italiano por si mesma favorecia uma identificação através da língua escrita, além de que a imprensa operária tinha o hábito de comparar trabalhadores italianos aos brasileiros, colocando estes como tendo uma consciência de classe menos desenvolvida, abaixo daquela dos peninsulares. Dessa maneira, ficava marcada na imprensa em língua italiana uma diferenciação que favorecia a identidade italiana, apesar de seus discursos contrários.

O terceiro capítulo vai investigar o período do entre Guerras, quando boa parte da imprensa operária havia perdido força. Com uma Itália que saía da guerra com muitos problemas sociais, econômicos e políticos, boa parte das publicações se voltava para as condições atuais do país. A crise em que a Itália vivia permitiu que os jornais imigrantes começassem lentamente a ver no movimento fascista uma oportunidade de reverter o caos que se instalara desde o final do conflito, levando boa parte deles a apoiar manifestamente o regime de Mussolini uma vez que ele se instalou. Muitos periódicos contaram inclusive com o apoio financeiro do regime, enquanto os que se colocaram contra foram, na maioria, perseguidos pelos órgãos consulares. O clima propagandeado de paz social “e de uma ética baseada em valores certos e nacionais” (p.116) era francamente exaltado, junto ao caráter antiproletário do ideal fascista. Foi uma época em que se procurou ainda mais unir a colônia pela nacionalidade, apoiou-se as escolas étnicas por seu papel de formar uma italianidade fascista, manifestou-se ostensivamente o patriotismo e procurou-se aliar firmemente a identidade italiana ao próprio regime fascista.

Com as políticas de nacionalização do Estado Novo, alguns periódicos se abasileiraram, mas muitos deles acabaram definhando. O quarto capítulo, com isso, que trata do segundo pós-Guerra, aborda esse assunto, dando ênfase ao *Fanfulla*, que tinha vivido um hiato até 1947.

Um dos temas presentes nesse período foi a volta da imigração. Havia uma discussão sobre se ela deveria dar-se de modo espontâneo ou subvencionado; havia críticas, ainda, às lavouras de café, mas um estranho silêncio a respeito dos problemas relativos às cooperativas agrícolas, as quais enfrentavam problemas de capital, de capacitação profissional e de espírito cooperativo, além da falta de cooperação das autoridades locais. Foi também um período de apoio a instituições de caridade – no lugar das associações étnicas, de difícil retomada –, no qual a imprensa sugeria que se ajudasse os compatriotas que viviam na Itália naquele momento de dificuldades advindas da guerra. Por outro lado, a caridade para com os próprios imigrantes não ganhou o mesmo apoio dos leitores. De fato, havia naquele momento uma dificuldade de comunhão entre imigrantes velhos e novos. Novos valores, novos níveis de formação escolar, novas relações com o trabalho, novas demandas e, além disso, uma rejeição dos valores fascistas cujas consequências práticas eles mesmos haviam sentido na pele. Por outro lado, alguns radicados pensavam em seus patrícios como responsáveis pelo fracasso material e moral da Itália. Nesse contexto, a comunhão e a exaltação de uma identidade nacional comum foram-se tornando cada vez menos factíveis.

Já em fins dos anos 1950, a imprensa de fato declinou, o que se deveu tanto à diminuição do influxo e o aumento do efluxo de italianos quanto às próprias modificações no mundo jornalístico, que passou a contar com melhores tecnologias para a transmissão de notícias e acabou por facilitar a profusão de notícias sobre a Itália nos jornais brasileiros.

Com esse declínio, ao qual sobreviveria apenas o *Fanfulla* (embora também já descaracterizado, distante de suas orientações iniciais), é que finda a narrativa de Trento, que soube tão bem contar uma história ampla da imprensa italiana no Brasil. Sua escrita leve faz desse um livro tão voltado para pesquisadores como para curiosos. É preciso perceber que a extensão do período abordado, tal como a quantidade embasbacadora de fontes, é de difícil condensação e, evidentemente, não se deve esperar de um trabalho como esse uma leitura muito profunda de cada período ou de cada gazeta. Ao contrário, o que o texto nos apresenta é um excelente itinerário para a compreensão desse fenômeno que foi a produção significativa de impressos pelos imigrantes italianos no Brasil, relacionando-o às questões mais amplas que envolviam os colonos, situando, portanto, os jornais na sociedade e na época que os produziram. Num cenário em que a imprensa italiana é mais utilizada como fonte do que como objeto de pesquisa, a obra de Trento pode ser facilmente alçada a um clássico dos estudos imigratórios ou

mesmo das pesquisas sobre a imprensa no Brasil. A única dificuldade que talvez um pesquisador encontre nessa leitura é que um excesso de narração acaba por ocultar o processo de apreciação das fontes. Isto é: para preservar a narrativa, os jornais são usados não como evidências a partir das quais o autor tece conclusões, mas como ilustrações da conclusão do autor, já tomadas como dadas – ou melhor: *narradas*. Isso força os leitores a manter sempre um grau saudável de ceticismo para não assumir apressadamente as conclusões do livro antes de confrontá-lo com outros estudos ou com as próprias fontes. Nesse sentido, faz-se presente a necessidade de constantes observações que objetivem a imprensa italiana e que contribuam com a construção do conhecimento sobre ela – e em cujas bibliografias o livro de Trento figurará por certo como obrigatório.

Por fim, o livro traz uma última contribuição, mas não menos relevante. Aliás, trata-se de um motivo não só de admiração, como de franco agradecimento. Não contente em terminar sua obra com os resultados de sua pesquisa, Trento disponibilizou, através dessa publicação, a imensa lista dos periódicos consultados, contendo também uma síntese das informações que ele conseguiu recolher sobre cada um deles, como data de surgimento, trocas nas direções, orientações políticas, etc. Essas informações ele não obteve completas para todos os periódicos, mas estamos diante, sem dúvida alguma, de um exaustivo e valoroso catálogo de informações sobre a imprensa étnica italiana no Brasil para qualquer um que se aventure em estudá-la.

REFERÊNCIA

TRENTO, Angelo. **Imprensa italiana no Brasil**: séculos XIX e XX. São Carlos: EdUFSCar, 2013, 276p.